
BITCH I'M MADONNA: AS RUPTURAS NO ROTEIRO PERFORMÁTICO DE UMA DIVA POP¹

Leonam Casagrande DALLA VECCHIA²

Tatyane LARRUBIA³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O presente artigo busca realizar uma análise da performance de Madonna através de quatro videoclipes selecionados como *corpus* de investigação. É intenção deste trabalho refletir de que forma a artista constrói sua *persona* em cada fase de sua trajetória na indústria, tentando mapear visualmente a maneira como se dão as rupturas e reconfigurações narrativas entre uma *persona* e outra. Trazendo as noções de Roteiro Performático (TAYLOR, 2013) para o debate e tendo como norte o videoclipe como um mediador (LATOURET, 2012) importante para a construção de sua performance na mídia, buscamos cartografar e analisar os elementos audiovisuais empregados pela artista à partir das categorias de análise do videoclipe propostas por Thiago Soares (2013) e Jeder Janotti Jr. (2008), e entender como estas rupturas, negociações e tensionamentos ocorrem nos diferentes ciclos da carreira de Madonna.

PALAVRAS-CHAVE: Performance; Videoclipe; Cultura Pop; Diva Pop.

Introdução

Madonna Louise Veronica Ciccone (Bay City, 16 de agosto de 1958), encarna múltiplas *personas* em uma só: a artista é cantora, compositora, atriz, dançarina e produtora musical norte-americana, reconhecida internacionalmente⁴ por sucessos como “Like a Virgin”, “Ray of Light”, “Hung Up” e “Bitch I’m Madonna”. Ganhadora de inúmeros prêmios concedidos pela indústria do entretenimento, Madonna é um referencial importantíssimo para o mundo contemporâneo, tendo moldado muito do que hoje conhecemos como a *cultura pop*⁵ *mainstream* global.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela UFF-RJ, e-mail: leonamvecchia@gmail.com

³ Mestranda em Comunicação pela UFF-RJ, e-mail: taty.larrubia@gmail.com

⁴ Ver: O'BRIEN, Lucy. Madonna: Like an Icon: HarperCollins, 2007

⁵ "O termo “cultura pop” porta uma ambiguidade fundamental. Por um lado, sublinha aspectos tais como volatilidade, transitoriedade e “contaminação” dos produtos culturais pela lógica efêmera do mercado e do consumo massivo e espetacularizado; por outro, traduz a estrutura de sentimentos da modernidade, exercendo profunda influência no(s) modo(s) como as pessoas experimentam o mundo ao seu redor. Nesse sentido, pode-se afirmar que a cultura pop tem óbvias e múltiplas implicações estéticas, sublinhadas por questões de gosto e valor; ao mesmo tempo em que ela também afeta e é afetada por relações de trabalho, capital e poder" (SÁ *et al.*, 2015, p. 9)

Madonna é considerada por muitos críticos e amantes musicais como um dos maiores ícones pop de todos os tempos. Tal afirmação poderia soar ousada caso não estivéssemos celebrando, no ano de 2018, os 60 anos de vida da cantora que expandiu e alargou inúmeras fronteiras em diversas frentes da cultura pop, trazendo para o palco o corpo feminino, liberto e sexualizado como uma das principais ferramentas expressivas de sua trajetória. A sua história na indústria fonográfica foi (e ainda é) marcada por transformações artísticas e rupturas performáticas (TAYLOR, 2013) das mais diversas; rupturas estas que coroam Madonna como um símbolo musical emblemático, que impulsiona transformações na música, na moda, em seus videoclipes e no que tange debates políticos acerca do feminismo e de enfrentamento do *status quo* hegemônico da indústria do entretenimento. Em cada ciclo, uma nova Madonna. Sua capacidade de reinvenção nos instiga a entender como se dão estes processos de *ruptura performática* (TAYLOR, 2013, p. 200) no decorrer de sua carreira, e quais os elementos que a cantora utiliza para enfatizar as mudanças nos estilos de cada fase de seu percurso na indústria, sem perder as características essenciais da *persona*⁶ que ficou eternizada como a Rainha do Pop⁷.

Para investigar esta flexibilidade de *personas* que a artista constrói e as narrativas empregadas em cada uma delas, propomos neste artigo, através de um tensionamento entre a Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012) e as noções de Roteiro Performático propostas por Diane Taylor (2013), analisar quatro trabalhos audiovisuais da artista - a partir de algumas categorias de análise midiática dos videoclipes empregadas por Thiago Soares (2013) e Jeder Janotti Júnior (2008) - e identificar quais elementos, presentes nas tessituras visuais dos videoclipes, constituem e reconfiguram, de tempos em tempos, uma nova faceta performática da artista.

1 - Videoclipe como Corpo da Canção Popular Massiva

Quando pensamos no videoclipe, estamos pensando, ao mesmo tempo, em inúmeras camadas plásticas que se articulam e se interconectam na produção de uma presença (GUMBRECHT, 2010) visual da canção popular massiva. Ou seja, acionar o

⁶ Aqui, entendemos o termo *persona* como: a "imagem com que uma pessoa se apresenta em público" (MICHAELIS, Dicionário, online). Acesso em 07/07/18.

⁷ <<http://www.gqportugal.pt/madonna>> Acesso em 07/07/18. <<https://zupi.co/o-porque-de-madonna-ser-um-icone>> Acesso em 07/07/18.

videoclipe como uma materialidade estética que seria o "corpo" de uma canção nos direciona a horizontes de expectativas específicos, que dizem respeito aos gêneros musicais (JANOTTI JÚNIOR, 2008) acionados pelas sonoridades aplicadas à tessitura audiovisual; e aspectos conectados aos gêneros televisivos (SOARES, 2013) em suas dimensões de produção, circulação e consumo, tendo em mente a Music Television como o principal agente motor dos desenvolvimentos deste gênero audiovisual no interior da indústria do entretenimento. Nesse sentido, refletir acerca do videoclipe nos aciona, também, aspectos ligados à lógica de mercado trazida à frente quando pensamos na música pop e em seus desdobramentos através da indústria fonográfica, pois não podemos desconectar a gênese dos vídeos do seu intuito primordial: a promoção de uma canção popular massiva e conseqüentemente do artista que performatiza esta canção⁸.

O videoclipe, portanto, seria como uma vitrine de estilos de vida (BORDIEU, 1976), *habitus* e tendências diversas, que acabam por construir e formatar uma "embalagem" audiovisual para os artistas pop que adentram a indústria fonográfica. Inserida neste contexto, a performance da *diva pop* (KOESTENBAUM, 1991) no videoclipe carrega rastros e traços de uma personalidade pulsante, viva, que assume a forma de uma *persona* e se presentifica em um corpo. Conectando-se diretamente com o seu público e articulando aspectos diversos dos entornos contextuais de sua carreira, um jogo de revelar e esconder acontece: ora a *diva pop* tornar-se visível, ora tornar-se invisível. Estas são algumas das noções de performance como entendida por Diane Taylor (2013), acionadas para pensarmos sobre a *diva pop* Madonna - objeto empírico deste artigo.

Tendo em mente a crucial importância do videoclipe para a música pop, utilizaremos aqui este produto cultural como um agente - respaldado pela Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012) - no intuito de analisarmos a construção das *personas* que Madonna incorpora em suas produções audiovisuais. Thiago Soares (2013) - ao analisar midiaticamente os tecidos visuais inscritos nos vídeos - nos diz que é na leitura imagética dessas imagens que encontramos inscritos no tecido visual os rastros dos entornos produtivos e de circulação destes produtos e as trajetórias dos artistas no interior da cultura pop. É a partir destes vestígios que podemos realizar uma análise

⁸ Para mais informações, ver: SOARES, Thiago. A Estética do Videoclipe. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

apropriada das performances inscritas nestes audiovisuais, pensando, além da plasticidade audiovisual do videoclipe e da performance física do artista, aspectos que dizem respeito à lógica de mercado que circundam as instâncias de produção e circulação da indústria fonográfica, e que afetam diretamente as leituras que realizamos acerca da embalagem visual da música popular massiva materializada pela diva pop.

2 - Analisando a Materialidade do Videoclipe

Como podemos pensar a construção de um Roteiro Performático (TAYLOR, 2013) da *diva pop* Madonna através de seus videoclipes? Como estes audiovisuais trazem inscritos em sua tessitura uma *persona* específica, que se transforma e se reconfigura através do tempo, perpetuando uma carreira profícua e sedimentada no seio da cultura pop contemporânea?

Como Roteiro Performático entendemos, em diálogo com as conceituações trazidas por Taylor (2013), uma ideia de dramaticidade, teatralidade, de performance num sentido que evoca o *happening*, o instantâneo da performance; mas que traz inscrito em si um certo "texto" que direciona as ações dos atores em cena: um roteiro que aponta como as ações devem ocorrer, mas que não se encerra aí, permitindo que a efemeridade do momento guie os movimentos e gestualidades da performance encenada. Ou seja, este roteiro pressupõe uma negociação entre diversas *personas* diferentes: a Madonna construída pela artista e sua equipe; a Madona "real" e "autêntica" e a Madonna lida e interpretada pelo público consumidor de suas obras. Nesse sentido, é importante termos em mente que este roteiro performático está constantemente sujeito às rupturas e fissuras que ocorrem no tensionamento entre estas múltiplas performances ao serem negociadas e friccionadas pela arena da música pop.

Ao considerarmos o videoclipe como um agente (LATOURE, 2012) que materializa aspectos sonoros, performativos e mercadológicos dos gêneros musicais (JANOTTI, 2008), é nossa intenção realizar uma análise das performances de Madonna, pensando a construção de roteiros performáticos em diferentes fases de sua carreira. É objetivo da próxima parte do artigo, por conseguinte, analisar quatro videoclipes que marcaram sua carreira em diferentes décadas, com o intuito de identificarmos os elementos de ruptura e continuidade que constroem diferentes ciclos em sua trajetória

na indústria do entretenimento. São eles: *Like a Virgin* (1984); *Ray of Light* (1998); *Hung Up* (2005) e *Bitch, I'm Madonna* (2015).

3 - Madonna e a História do Videoclipe

Não seria errôneo afirmar que Madonna ajudou na construção do videoclipe e participou ativamente das inovações técnicas e artísticas que permitiram a este audiovisual alcançar legitimidade no interior da cultura pop *mainstream*. A carreira de Madonna se confunde com a história do surgimento dos videoclipes na Music Television: a artista e a ferramenta expressiva aqui trazida à frente iniciaram sua ascensão em meados dos anos 80, em meio a disputas e negociações sobre o que seria este novo formato audiovisual e o que ele poderia trazer de novo para a indústria do entretenimento. A indústria fonográfica - que via a crise das rádios norte-americanas no fim dos anos 70 afetar de modo direto a circulação e consumo das músicas populares massivas (SOARES, 2013, p. 67-70) - começou a ver no surgimento e consolidação da MTV um importantíssimo veículo de disseminação da música nos meandros da cultura pop. O videoclipe, neste contexto, passou a ser uma importante ferramenta para a promoção de artistas pop, possibilitando que a sua "embalagem visual" se expandisse para além da capa/encarte do álbum fonográfico ou de eventuais performances ao vivo.

Em meio a estas transformações na indústria do entretenimento, uma nova artista nascia para ganhar espaço e transformar a forma como o público visualizava a música pop. Com mais de setenta e cinco vídeos em sua videografia, Madonna e seus colaboradores se apropriaram desta ferramenta expressiva e realizaram inúmeras experimentações artísticas e de vanguarda na produção de seus videoclipes. Como era um formato audiovisual novo e em franco desenvolvimento em meados dos anos 80, poucos parâmetros e convenções estilísticas caracterizavam o formato na época e, portanto, é nesse sentido que podemos dizer que Madonna ajudou de forma significativa a construir os principais estilos e particularidades do que seria, posteriormente, categorizado como videoclipe. Como respaldo para a sua importância na consolidação do formato, Madonna recebeu um total de 21 prêmios MTV Video Music Awards - sendo a artista a ganhar mais prêmios no evento - incluindo o especial *Video Vanguard Award*, recebido no ano de 1986 pela sua múltipla e diversificada videografia. Em 2003, a MTV a nomeou como a *The Greatest Music Video Star Ever* e ressaltou a sua

inovação, criatividade e contribuição para a expansão da arte e da tecnologia nos vídeos de sua carreira⁹.

A importância do vídeo para a carreira de Madonna, portanto, é inegável. Este formato audiovisual foi uma das muitas ferramentas utilizadas pela artista na criação e manutenção de performances visuais para as diferentes *personas* que podemos vislumbrar em sua carreira. Observar a sua videografia, portanto, nos dá um instrumental possível para a análise das rupturas performáticas entre uma fase e outra de sua trajetória na indústria do entretenimento. É claro: a videografia de Madonna é extensa e tão variada que seria impossível abarcar todas as performances e rupturas de sua carreira no presente artigo. Por isso, o *corpus* pretendido busca analisar quatro performances/*personas* através das quatro décadas em que sua carreira se desdobrou, a fim de observar de forma ampla a maneira com que a artista reinventa a sua performance a cada novo ciclo (sem negar, no entanto, todas as outras *personas* que a artista encarna nestes quase 40 anos de carreira: performances tão importantes quanto as que iremos abordar neste trabalho).

3.1 - Like a Virgin (1984)¹⁰

"Like a Virgin" é o segundo álbum de estúdio de Madonna, e a música de mesmo nome foi o primeiro *single*¹¹ do disco, lançado em 6 de Novembro de 1984. O álbum vinha logo após o seu trabalho de estreia auto-intitulado, que conquistou enorme sucesso de vendas e críticas¹², alavancando-a ao estrelato da época. No entanto, isso significava ao mesmo tempo que as expectativas em torno de seu segundo álbum elevavam-se a grandes proporções. *Like a Virgin* foi, portanto, o trabalho que ajudou a consolidar a carreira de Madonna, provando que a artista não era mais uma *one-hit-wonder*¹³. A artista sentiu que o primeiro álbum havia conseguido introduzir o seu lado "rainha elegante da *street dance*¹⁴", e é por isso que, a partir de então, Madonna buscava solidificar e construir sua *persona* a partir deste conceito.

⁹ <<http://www.mtv.com/vma>> Acesso em 07/07/2018.

¹⁰ <https://youtu.be/s_rX_WL100> Acesso em 07/07/18.

¹¹ *Single* é a música retirada de um álbum fonográfico para ser trabalhada e divulgada nas rádios e em programas de TV.

¹² (TARABORRELLI, 2002, p. 87)

¹³ Um artista da música pop que emplaca apenas um trabalho de sucesso de crítica e público <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/one-hit-wonder>> Acesso em 07/07/2018

¹⁴ (TARABORRELLI, 2002, p. 87)

O vídeo musical do primeiro *single* de seu segundo álbum foi dirigido por Mary Lambert e estreou no dia 13 de Novembro de 1984 na grade de programação da recém-nascida MTV. Um aspecto importante a ressaltar sobre o videoclipe é que seu formato de 4:3¹⁵ remete-nos às dimensões de tela das TVs analógicas da época, já que o principal meio de distribuição dos videoclipes era a televisão. É preciso destacar que os vídeos musicais eram pensados a partir das convenções televisivas: formato, lançamento, *merchandising*¹⁶ e consumo; e os principais parâmetros de sucesso destes produtos eram medidos a partir de programas tais como o *Dial MTV*¹⁷, pois estes programas eram os principais espaços de circulação para os videoclipes na época.

Like a Virgin foi gravado nas cidades de Veneza e de Nova York, e Madonna, aqui, encarna dois papéis que possuem características influenciadas pela geografia das locações utilizadas. Na primeiro papel, Madonna surge como uma jovem mulher livre e irreverente. Seu estilo *street wear* nova-iorquino se presentifica em uma sobreposição de peças de roupa, "profusão de colares e pulseiras, diversos brincos pendentes colocados em vários furos das orelhas e cabelos louros desalinhados contidos por um laço em volta da cabeça" (BARRETO, 2005, p. 71-72). A cor preta é a que predomina em suas vestimentas, acessórios e maquiagem, com tons de roxo e vermelho sobrepondo-se ao *street look* da *popstar*, materializando esteticamente a ideia de uma jovem rebelde e crítica: como podemos ver, por exemplo, no terço que pende de seu pescoço em meio a outros tantos colares, utilizado provavelmente como uma das muitas provocações às tradições morais cristãs da época, que via na representação visual empregada pela artista uma afronta contra tudo o que era considerado moral e aceitável uma mulher vestir e/ou usar.

A segunda *personagem*, influenciada por um ideal romântico e lírico, encontra-se em um *palazzo* na cidade de Veneza, na Itália. Ela usa um vestido de noiva branco que nos remete a uma ideia virginal da mulher que aguarda o casamento para perder a virgindade. Seu par romântico, aqui, traça um paralelo com o leão de Marcos

¹⁵ Segundo o Glossário da Convergência Digital do Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão, o formato da TV analógica é 4:3 enquanto o da TV digital (widescreen) é 16:9 <<http://www.set.org.br/glossario-de-convergencia-digital/>> Acessado em 03/07/18

¹⁶ Conjunto de atividades e técnicas mercadológicas que dizem respeito à colocação de um produto no mercado em condições competitivas, adequadas e atraentes para o consumidor.

¹⁷ DIAL MTV era um programa no formato "Parada Musical" no qual os telespectadores ligavam para votar ou pedir seu videoclipe preferido. Estreou na MTV americana em 1986. A versão brasileira se chamava *Disk MTV*.

Evangelista¹⁸, símbolo de tradição cristã e também símbolo da antiga República de Veneza, local onde foi filmado o videoclipe.

Considerando a postura artística provocativa da artista, a recorrência à noiva não deixaria de sublinhar então a ironia de mulheres representando sua pureza com vestidos de casamento branco mesmo em sociedades em que a manutenção da virgindade até o matrimônio não é regra ou algo socialmente exigido" (BARRETO, 2005, p. 73).

Nada mais Madonna do que quebrar padrões, estereótipos e preconceitos. “Like a Virgin” materializa, nesse sentido, uma mulher livre e independente, que se utiliza da sua irreverência para tocar em assuntos polêmicos, tais como o sexo antes do casamento e o poder político do feminismo. A justaposição dessas duas personalidades é sintetizada em uma terceira encarnação, que aparece ao fim do videoclipe:

Como a “noiva veneziana”, trata-se de uma mulher sofisticada, cuja distinção é aparente no vestido preto de renda e cetim, chapéu e luvas. No entanto, ela guarda da “nova-iorquina” uma sensualidade mais evidente – a roupa é apertada e com as costas nuas – e uma postura mais agressiva, com mais iniciativa, uma vez que é ela que, na gôndola, inclina-se sobre o amante para beijá-lo. É interessante notar que essa personagem representa uma virada (evolução?) na imagem construída por Madonna. A partir de Like a Virgin, a cantora vai gradativamente deixando a garota “street-wise/street-wear” e sublinhando uma condição de estrela. Como sinal de maturidade, a representação do talento intuitivo vai dando lugar àquela do talento burilado e reconhecido." (BARRETO, 2005, p. 74)

3.2 - Ray of Light (1998)¹⁹

Não podemos nos deslocar no tempo - do ano 1984 ao ano 1998 - sem mencionarmos rapidamente momentos de ruptura marcantes na carreira da artista, tais como *Like a Prayer* (1989), *Justify My Love* (1990) e *Erotica* (1992). No entanto, não é a proposta deste artigo realizar uma análise profunda de toda a trajetória da artista, e sim observar as rupturas e construções de *personas* em momentos específicos de sua carreira, delimitados pelo *corpus* acima mencionado.

Ray of Light é o sétimo álbum de estúdio de Madonna, e marca uma transição importante em sua trajetória na indústria do entretenimento. O trabalho foi lançado no mercado em 22 de Fevereiro de 1998 e sublinha uma mudança de sonoridade em sua carreira se comparado aos seus trabalhos anteriores. Madonna, que ousou com sua

¹⁸ Marcos Evangelista foi discípulo do apóstolo Paulo de Tarso e posteriormente de Pedro. É tradicionalmente considerado como o autor de um dos Evangelhos da Bíblia.

¹⁹ <<https://youtu.be/a4tD8dy9Reg>> Acesso em 03/07/18.

performance norteada por elementos provocativos, eróticos e rebeldes, dessa vez reconfigura sua *persona* inspirada em aspectos místicos, em uma fase intensamente ligada à sua espiritualidade. Neste momento existe uma renegociação da performance da artista entre o roteiro da *persona* Madonna e a sua "vida real", pois é neste período que Lourdes Maria (1996) - sua primeira filha - nasce. Se antes a rebeldia e subversão eram aspectos frequentes na construção da performance da artista, agora existe certo interesse em suavizar sua representação. Madonna busca, neste ciclo, introduzir reflexões que exaltam a importância de sua interioridade em detrimento de sua exterioridade, incorporando em sua música pop elementos de música eletrônica experimental e fundindo-se visualmente a uma *persona* influenciada pelo "aprofundamento no estudo de práticas orientais religiosas e de meditação" (BARRETO, 2005, p. 134). O trabalho recebeu uma série de prêmios ao redor do mundo, incluindo quatro Grammy Awards em 1999, sendo muito elogiado pela crítica especializada²⁰ e pelos fãs da cantora.

O videoclipe de *Ray of Light* foi lançado em 12 de Maio de 1998 na grade de programação da MTV, sendo a segunda música de trabalho do álbum de mesmo nome. O vídeo - dirigido por Jonas Akerlund - é organizado em torno de uma temática que remete à vida cotidiana: imagens dos centros urbanos, que priorizam cenas comuns do dia a dia, se estendem por toda a duração do videoclipe. A montagem é bastante acelerada e as imagens mostradas no vídeo também estão em alta velocidade, dando-nos a impressão de uma tessitura visual esquizofrênica e que dialoga com aspectos da cultura global trazida pela modernidade. Os planos da cidade e do corpo de Madonna, então, sobrepõem-se umas às outras, configurando-se como camadas da *persona* que vemos no centro do plano - de repente crua e simples.

A aceleração da velocidade de apresentação destas cenas urbanas parece, por exemplo, servir para associar o clipe a mais uma esfera temática – a questão da efemeridade das coisas – mas também se constitui em um primeiro nível de funcionamento irrealista dessas imagens. Esse modo de atenção sobre o cotidiano de figuras anônimas e paisagens urbanas singulariza a aparência geral de *Ray of Light*, tornando esta obra pouco assemelhada ao restante da videografia de Madonna. O videoclipe não traz locações artificiais nem criações de computador, mas aplica o já referido tratamento irrealista a imagens de cidades de verdade: há um evidente investimento plástico na utilização destas cenas, que ora são exibidas em alta velocidade ora aparecem incrustadas como pano de fundo – fixo ou móvel, beirando à abstração – nos trechos de performance da cantora. (BARRETO, 2005, p. 131)

²⁰ <<https://www.slantmagazine.com/music/review/madonna-ray-of-light>> Acesso em 07/07/18.

Outro aspecto bastante interessante é a organização temporal do videoclipe, que se inicia com um plano do nascer do sol e termina com o anoitecer do dia. Nesse sentido, podemos pensar em uma ideia de circularidade que norteia o trabalho de montagem do vídeo musical: a passagem do tempo acompanha tanto as cenas da cidade quanto as cenas inseridas por detrás da performance de Madonna em frente às câmeras, encontrando-se também na iluminação utilizada nos cenários em que a cantora se apresenta, que progride de uma luz mais azulada nas cenas com o céu azul a tons mais alaranjados conforme o dia vai passando, até chegar novamente aos tons púrpuras da noite. Como dito pela própria artista, o conceito do videoclipe girava em torno de "um dia na vida da Terra, mostrando que estamos correndo para a frente até o fim do século XX com toda a velocidade"²¹.

Até mesmo a caracterização da artista segue uma lógica do "cotidiano" que permeia todo o videoclipe. Para esta *persona*, percebe-se a tentativa de se aproximar a uma aparência mais "natural e comum":

"Cabelos ruivos soltos e ondulados, utilização da chamada maquiagem natural – que, ao invés de “colorir”, de estilizar, procura realçar o viço da pele –, jaqueta e calça jeans nas apresentações individuais, camiseta branca e jeans nas cenas de boate. Seu figurino não potencializa seu *status* de estrela, mas a coloca como uma *clubber* comum, que permite ligações importantes entre *Ray of Light* e clipes do início da carreira da cantora. Madonna, aqui, não é colocada como intérprete de uma personagem inserida em uma história nem explora suas habilidades em performances coreográficas complexas, bem trabalhadas e ensaiadas. Nas apresentações individuais, seus movimentos ganham, às vezes, um quê de artificialidade, justificada pela submissão mais direta da dança às manipulações da velocidade do clipe: congelamentos muito sutis decompõem sua performance, enquanto acelerações mais nítidas chegam a lhe dar um tom cômico." (BARRETO, 2005, p. 133)

Ganhador do *Video of the Year* no MTV Video Music Awards de 1998, *Ray of Light* se tornou um marco importante da carreira da *popstar*, legitimando a artista no interior da cultura pop e conferindo-lhe um novo *status* artístico de vanguarda. A sua trajetória mais uma vez se renova, trazendo à tona uma Madonna experimental, sem deixar de lado uma negociação possível com a cultura pop *mainstream*.

²¹ <<http://www.aftonbladet.se/puls/9805/08/jonas.html>> Acesso em 07/07/18.

3.3 - Hung Up (2005)²²

Com a virada do milênio e do século, Madonna faz um retorno à *disco music* dos anos 80 em seu décimo álbum de estúdio, um álbum conceitual (WALTENBERG, 2013) intitulado "*Confessions on a Dance Floor*", lançado em 11 de Novembro de 2005. Influenciada pela música *disco* e também pela *dance music* contemporânea, a artista, com este trabalho, buscava apenas "relaxar e dançar", procurando estabelecer uma ruptura com os seus trabalhos anteriores e fazer um tributo a artistas consagrados da *disco music*, tais como Bee Gees e Giorgio Moroder.

O primeiro *single* retirado do álbum foi *Hung Up*, uma canção escrita e produzida pela própria Madonna e pelo produtor do disco, Stuart Prince. Um fato interessante é que a música foi a primeira canção da artista a ser lançada digitalmente através da plataforma iTunes, sendo, portanto, um importante marco na trajetória da artista rumo a era digital que viria posteriormente englobar todo o planeta. A canção incorpora um *sample*²³ de uma das músicas mais famosas do grupo ABBA, "Gimmie! Gimmie! Gimmie! (A Man After Midnight)", que acompanha toda a faixa sonora junto às batidas misturadas da *disco music* e do *electropop* contemporâneo.

O videoclipe da canção - dirigido por Johan Renck - estreou no dia 27 de Outubro de 2005 na grade de programação da MTV. Nele, Madonna explora a estética *disco* em seu figurino, em sua performance, em suas coreografias e na fotografia dos enquadramentos, tornando-o um dos videoclipes mais famosos de sua carreira.

O vídeo se inicia com Madonna entrando em um estúdio de balé e trazendo consigo um *boombox*²⁴, objeto que se torna um elemento central no decorrer do videoclipe. Este objeto transita por diversas cenas e dá ao vídeo musical uma certa unidade temática que gira em torno da música e da dança como o despertar corporal das pessoas, bem como um elemento aglutinador de diferentes culturas. Quando pressiona o *play* para introduzir a música, a artista tira seu moletom azul e começa a dançar vestida em um *collant* rosa neon, com polainas e um cabelo inspirado em Farrah Fawcett²⁵.

²² <<https://youtu.be/EDwb9jOVRtU>> Acesso em 07/07/18.

²³ *Amostra*, em inglês; refere-se, em música, a pequenos trechos sonoros recortados de obras ou gravações pontuais para posterior reutilização noutra obra musical, não necessariamente no mesmo contexto do original.

²⁴ Aparelho de som portátil, que possibilita audição de fitas cassetes e CD *players*. Teve seu auge entre os anos 70 e 80.

²⁵ A atriz foi um ícone sexual dos anos 70 e o seu corte de cabelo se tornou inspiração para mulheres de vários países na época. **TV Guide Book of Lists**. Running Press. 2007. p. 188.

As coreografias apresentadas são inspiradas em John Travolta²⁶ e em seus inúmeros movimentos de dança imortalizados em filmes como *Saturday Night Fever* (1977), *Grease* (1978) e *Perfect* (1985). Combinando os passos de Travolta com outros estilos de dança no decorrer do vídeo, Madonna e Renck trazem para o videoclipe movimentos de *parkour*²⁷, *breakdance*²⁸, dança de rua e *disco*. *Hung Up*, nesse sentido, materializa uma certa produção de presença, por trazer à frente uma *persona* que se entrega aos movimentos corporais como uma forma de expurgo sensorial. Como o próprio diretor afirma, "não é apenas sobre música, mas também sobre a linguagem corporal"²⁹.

Além da *persona* construída à partir da *disco music*, o videoclipe nos aciona questões relacionadas ao corpo, à idade e aos desafios que giram em torno das construções sociais sobre o envelhecimento da mulher. Madonna mostra, aqui, que o seu corpo e a sua vivência são atemporais: quando era mais jovem, provocava por ser uma mulher com a sexualidade ativa, como vimos em *Like a Virgin*; já em *Hung Up*, Madonna intimida a audiência por ter quase 50 anos e manter seus desejos e liberdades sexuais ainda ativos, principalmente em um mundo que costuma "enterrar" as artistas mulheres que ultrapassam certa faixa etária, considerando-as inadequadas para seguirem suas trajetórias na indústria do entretenimento³⁰.

No *MTV Video Music Awards de 2006*, o videoclipe recebeu cinco indicações aos prêmios da cerimônia, incluindo Melhor Vídeo Feminino, Melhor Vídeo Dance, Melhor Vídeo Pop, Melhor Coreografia e Vídeo do Ano. Apesar de não ter ganhado em nenhuma das categorias indicadas, o álbum "Confessions on a Dancefloor" ganhou um Grammy de Melhor Álbum Dance/Eletrônico na cerimônia de 2007.

3.4 - Bitch I'm Madonna (2015)³¹

Avançando para a segunda década dos anos 2000, chegamos ao último videoclipe lançado por Madonna, que, dentre os mencionados acima, não foi lançado na

²⁶ <<http://www.mtv.com/news/1539338/with-no-director-and-broken-ribs-madonna-was-hung-up-vm-as-behind-the-camera/>> Acesso em 08/07/18.

²⁷ Desenvolvido como um método de treinamento que permite ao indivíduo ultrapassar de forma rápida, eficiente e segura quaisquer obstáculos utilizando somente as habilidades e capacidades do corpo humano.

²⁸ *Breakdance* é um estilo de dança de rua, parte da cultura do Hip-Hop. Criada por afro-americanos e latinos na década de 1970 em Nova Iorque, Estados Unidos, normalmente é dançada ao som do Hip-Hop ou de Electro.

²⁹ <<http://www.mtv.com/news/1539338/with-no-director-and-broken-ribs-madonna-was-hung-up-vm-as-behind-the-camera/>> Acesso em 07/07/18.

³⁰ <<https://www.hypeness.com.br/2016/12/o-poderoso-discurso-de-madonna-ao-ser-eleita-mulher-do-ano-pela-billboard/>> Acesso em 08/07/18.

³¹ <<https://youtu.be/7hPMmzKs62w>> Acesso em 07/07/18.

grade da programação de videocliques da MTV. Nos é apropriado observar, aqui, como a carreira da artista perpassou, até então, a própria história da Music Television, e, por consequência, a própria história deste formato audiovisual que ganhou popularidade com o canal televisivo.

Rebel Heart (2015) é o décimo terceiro álbum de estúdio de Madonna, e o último trabalho fonográfico até então a conter músicas inéditas da cantora. O disco foi lançado no dia 6 de Março de 2015, após inúmeras controvérsias acerca do vazamento de diversas de suas músicas³². Nessa fase, Madonna constrói uma *persona* que ostenta um legado legitimado pela indústria do entretenimento, celebrando esta trajetória através de uma sonoridade eclética e diversificada, sem esquecer as influências de todos os seus trabalhos anteriores.

O videoclipe de *Bitch I'm Madonna*, portanto, vem para consolidar a alcunha de Rainha do Pop, festejando a carreira de Madonna e trazendo à frente uma *persona* confortável com a própria fama, deixando claro que tem absoluta consciência de sua importância para a história da cultura pop mundial. O vídeo musical dá corpo ao terceiro e último *single* retirado do álbum, que apresenta uma sonoridade influenciada pelos gêneros EDM³³ e *vaporwave*³⁴, com constantes usos do *dubstep*³⁵ como recurso estilístico musical.

Bitch I'm Madonna - dirigido por Jonas Åkerlund - foi lançado no dia 15 de Junho de 2015, diretamente na plataforma de vídeos online YouTube. Com a popularização da internet e o consequente declínio das mídias tradicionais em meados dos anos 2000/2010, os videocliques de diversos artistas pop migraram para plataformas como o YouTube, adaptando-se à nova forma com que as pessoas passaram a consumir este produto audiovisual.

O videoclipe inicia-se em um plano fechado de quatro crianças vestidas com roupas inspiradas no icônico *look* utilizado por Madonna em sua apresentação de "Like a Virgin" no MTV Video Music Awards de 1984³⁶. O próprio título da canção nos

³² <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/madonna-rebel-heart-novo-disco-vaza-novamente-na-internet/#imagem0>> Acesso em 07/07/18.

³³ *Electronic Dance Music*.

³⁴ *Vaporwave* é um gênero musical surgido no início da década de 2010 entre diversas comunidades online. O gênero é caracterizado por uma fascinação nostálgica e pela estética da cultura retrô no auge dos anos 80 e 90.

³⁵ *Dubstep* é um gênero de música eletrônica que se originou no Sul de Londres, Inglaterra, em meados da década de 1990. O site de música Allmusic descreveu seu som como "linhas de baixo muito fortes e padrões de bateria reverberantes, *samples* cortadas e vocais ocasionais."

³⁶ <<https://www.youtube.com/watch?v=R6iNtdCjwiM>> Acesso em 07/07/18.

lembra da potência que a figura da artista conquistou na cultura pop contemporânea: *Bitch I'm Madonna* se torna, portanto, a conclusão apropriada para uma carreira longa e próspera na indústria do entretenimento. Outro elemento que impulsiona esta ideia são as participações no clipe de diversos artistas famosos da música pop contemporânea, tais como Miley Cyrus, Diplo, Rita Ora, Chris Rock, Beyoncé, Katy Perry e Kanye West dublando, em diversos momentos da música, a frase "Bitch I'm Madonna". A participação de tantos nomes importantes no videoclipe nos permite pensar esses artistas como os herdeiros do legado que Madonna construiu na cultura pop. Nesse sentido, a artista pavimentou o caminho para que eles pudessem construir as suas carreiras e, aqui, neste videoclipe, estes mesmos artistas fazem uma espécie de tributo à artista, celebrando, juntamente a ela, as quase quatro décadas de sua carreira.

Além de consolidar sua imagem, essa fase de Madonna também busca incorporar elementos da música pop atual para legitimar sua capacidade de reinvenção. A participação da *rapper* Nicki Minaj na canção é um ótimo exemplo dessa "abertura" de Madonna à novidades de um mercado que se abre cada vez mais a este gênero musical³⁷. Essa estratégia já foi utilizada em outros vídeos da fase "moderna" da cantora, como em "4 minutes" e "Gimme All Your Love". Ainda sobre "Bitch, I'm Madonna", o figurino hodierno e colorido, a construção do videoclipe em plano sequência e as cores vibrantes em neon são outros elementos que trazem essa estética contemporânea e moderna à tessitura visual do videoclipe.

Madonna, neste seu último trabalho, parece compreender a sua importância para a música pop e o que o seu nome representa para a indústria do entretenimento em geral, encarnando aqui uma *persona* que celebra a si mesma, mas que também sabe renovar-se perante o novo cenário da música pop atual.

Conclusão

A construção de diferentes *personas* a cada novo ciclo de sua carreira legitima Madonna como uma artista atemporal, que se reinventa e incorpora estratégias visuais na negociação de um roteiro performático construído por si mesma e pelo público que a interpreta constantemente. É através das rupturas, continuidades, falhas e aberturas de

³⁷ <<https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2015/05/06/hip-hop-revolucionou-mundo-da-musica-diz-estudo.htm>> Acesso em 08/07/18.

sua *persona* na cultura pop audiovisual que podemos vislumbrar os rastros deixados pelas performances que encarnou no decorrer de sua trajetória. O videoclipe como o mediador focalizado por este artigo, portanto, nos deu um instrumental possível para pensarmos de que maneira essas rupturas ocorrem, e de que maneira Madonna se reinventa e se renova perante os olhos do outro, permitindo-nos pensá-la como uma *persona* de mil e uma faces.

REFERÊNCIAS

- LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador - Bauru: Ed. EDUFBA - EDUSC, 2012.
- TAYLOR, Diana. **O Arquivo e o Repertório: Performance e Memória Culturais nas Américas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- BARRETO, Rodrigo R. **A Fabricação do Ídolo Pop: A Análise Textual de Videoclipes e a Construção da Imagem de Madonna**. 196 p. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- SOARES, Thiago; POLIVANOV, Bia; AMARAL, Adriana. **Disputas sobre Performance nos Estudos de Comunicação: Desafios Teóricos, Derivas Metodológicas**. Intercom - RBCC: São Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-79, jan./abr. 2018.
- ECHOLS, Alice. **Hot Stuff: Disco and the Remaking of American Culture**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2010.
- JANOTTI, Jeder; SOARES, Thiago. **O Videoclipe como Extensão da Canção: Apontamentos para Análise**. Revista Galáxia, n. 15, p. 91-108, jun. 2008.
- SOARES, Thiago. **A Estética do Videoclipe**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.
- O'BRIEN, Lucy. **Madonna: Like an Icon**. Nova Iorque: HarperCollins, 2007
- BORDIEU, Pierre. **Gostos de Classe e Estilos de Vida**. (excerto do artigo "Anatomie du goftt".) Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n° 5, out. 1976, p. 18-43. Traduzido por Paula Montero.
- HOLZBACH, Ariane D. **Smells Like Teen Spirit: A Consolidação do Videoclipe como Gênero Audiovisual**. 323 p. Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- TARABORRELI, John R. **Madonna: An Intimate Biography**. Londres: Sidgwick & Jackson, 2001.
- GUMBRECHT, Hans U. **Produção de Presença: O que o Sentido não consegue Transmitir**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2010.